

LEVANTAMENTO FLORÍSTICO DO PARQUE ESTADUAL DAS DUNAS DO NATAL

Maria Socorro Borges Freire¹

RESUMO – A criação do Parque Estadual das Dunas do Natal foi concebida em 1977 através do Decreto nº 7.237 de 22.11.77, em decorrência da construção de uma Via Litorânea, às margens da extensa formação dunosa, rica em vegetação nativa e possuidora de valiosos aquíferos para a cidade do Natal. Através da Seplan – Secretaria do Planejamento do Estado do Rio Grande do Norte elaborou-se o Projeto Parque das Dunas – PPD destinado a realizar um levantamento Eco-Zoo-Botânico da área, visando o conhecimento do Ecossistema das Dunas. No período Agosto de 1980 a Julho de 1982 percorreu-se os seus 1.172 ha. e constatou-se que a área apresenta-se recoberta, em sua maior parte, por um tipo de formação, em que há predominância de elementos peculiares à vegetação da Mata Atlântica, ocorrendo ainda algumas espécies de Caatinga e da Formação de Tabuleiro Litorâneo. Foram coletadas 359 plantas, das quais verificou-se o reconhecimento de 264 espécies distintas, identificadas a nível de gênero e espécie pelos botânicos do Museu Nacional e com a colaboração de especialistas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Do levantamento realizado identificou-se 78 famílias, com maior predominância das leguminosas, mirtáceas, gramíneas, compostas, euforbiáceas, convolvuláceas e rubiáceas. Entre as espécies arbóreas de importância na área cita-se o pau-brasil – *Caesalpinia echinata* Lam.; sucupira – *Bowdichia virgilioides* HBK; maçaranduba – *Manilkara* aff. *amazonica* Hub. e o Kiri – *Brosimum guianense* (Aublet.) Hub.

Palavras-chaves: Levantamento Florístico; Parque das Dunas do Natal; Mata de Dunas Litorânea; Formação de Tabuleiro Litorâneo; Protetor de Aquíferos.

ABSTRACT – The Natal Dunes State Park was created on November 22, 1977 by Decree nº 7237, as a result of the building of a Coastal Road, bordering the long dunes which abound with native vegetation and valuable aquiferous reserves for the city of Natal. Through the Board of Planning of the State of Rio Grande do Norte, the Park of Dunes Project was developed which aimed at carrying out an eco-zoo-botanical survey of the area, with the objective of studying the ecosystem of the dunes. Throughout the period from August 1980 to July 1982 we travelled all over its 1.172 ha and realised that the vegetation of the area contains some elements of the Atlantic Forest, but with an admixture of some

1 – Secretaria do Planejamento do Estado do Rio Grande do Norte – SEPLAN/Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – IDEC, Centro Administrativo do Estado S/N, Lagoa Nova, CEP – 59.000, Natal, RGN – BRASIL.

species of the Caatinga and of the Coastal Tableland. 359 plants were collected, out of which, 264 different species could be recognised, identified at the specimen and genus level by the botanist of the National Museum in conjunction with specialist of the Botanical Garden of Rio de Janeiro. The research identified 78 families with a greater domination of Leguminosae, Myrtaceae, Gramineae (Poaceae); Compositae; Euphorbiaceae; Convolvulaceae and Rubiaceae. Among the arboreous species of importance in the area, we should name the brazilwood – *Caesalpinia echinata* Lam. sucupira – *Bowdichia virgilioide* HBK; maçaranduba – *Manilkara* aff. *amazonica* Hub; e o Kiri – *Brosimum guianense* (Aublet.) Hub.

Key-words: Surveying floristic; The Natal Dunes State Park; Atlantic dunes forest; Coastal Sandbank and protector of the aquiferous reserves.

Introdução

O Parque Estadual das Dunas do Natal está situado na parte oriental do Estado do Rio Grande do Norte, na região da Grande Natal, no Município de Natal, entre as coordenadas: Latitude 05°48'S a 05°53'S e Longitude 35°09'W a 35°12'W e foi criado através do Decreto nº 7.237 de 22.11.77, com uma área de 1.172,80 hectares; extensão de 15 km de comprimento; largura média de 2 km e superfície de 30 km² (Figura 1).

Natal acha-se inserida em uma faixa tropical úmida, de temperatura variável, de 22,6°C a 29,2°C e precipitação pluviométrica anual em torno de 1.200mm a 2.000mm, com período chuvoso mais intenso entre Julho e Agosto. As formações dunares do Parque são constituídos por solos rasos, do tipo Areias Quartzosas Marinhas Distróficas – fase relevo suave ondulado e ondulado (R.G. NORTE – SEPLAN, 1985).

A área do Parque das Dunas do Natal apresenta, claramente, a predominância absoluta de sedimentos recentes, compreendidos pelas dunas que ocupam quase que a totalidade do citado trecho. Encobertas por essas, ocorre uma pequena sucessão de sedimentos arenosos, possivelmente de origem fluvial, expostos apenas nas falésias e em discordância erosiva sobre os depósitos do Grupo Barreiras – Formação Riacho Morno. Este constitui a base da seqüência sedimentar, além dos Depósitos Fluviais, Depósitos Eólicos e Recifes Rochosos. As dunas não apresentam consolidação alguma e são passíveis de fácil remoção quando desprotegidas. O tipo predominante de forma das dunas do Parque é o parabólico e de idade atribuída ao pleistoceno. São consideradas dunas de idade intermediárias, possuem elevações que sobressaem entre 80 e 120 metros de altitude, comportando a vegetação mais exuberante. O seu destaque geológico-geomorfológico é indiscutível na área (Salamuni, 1978).

A idéia de criação de uma área de conservação nas dunas costeiras foi concebida em 1977, em decorrência de um antigo projeto, até aquela data não concretizado, de se fazer uma ligação viária entre as praias Areia Preta e Pon-

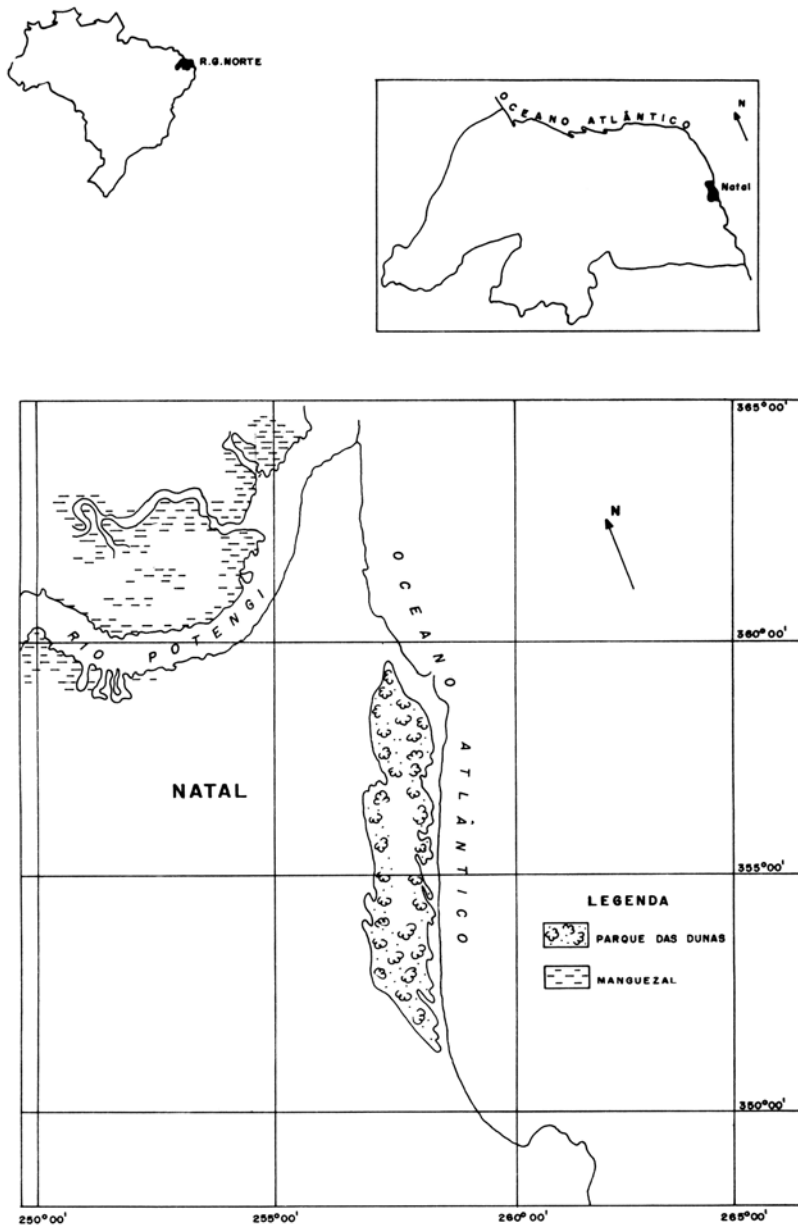


Figura 1 – Localização do Parque Estadual das dunas de Natal

ta Negra. Tal via litorânea, entretanto, teria de ser executada à margem de uma extensa formação dunosa, rica em vegetação nativa de fundamental importância, tanto pela ação reguladora da distribuição d'água, como também, o de proteção da água subterrânea e contenção das areias.

A contínua retirada de lenha e a ocorrência de queimadas, bem como a extração em larga escala de areia componente das dunas para atender a construção civil, já se constituía em justificativa para a adoção de um posicionamento do Governo do Estado frente ao problema. Posteriormente, com a implantação efetiva da Via (1979-1981) e os problemas então surgidos, firmouse com maior intensidade, a convicção de que a melhor opção para essa área crítica seria o uso conservacionista.

E bem verdade que, apreciando os valores biológicos, geológicos cênicos e as possibilidades de lazer da área, existia já então um plano de construção de embasamento turístico ao longo da Via Costeira, objeto de um planejamento paisagístico complementar a cargo do paisagista Burle Marx, que desejava executar um tipo de paisagismo especial denominado "Paisagismo de Integração", basicamente equacionado em termos de aproveitamento de elementos da rica flora local.

Atendendo e acatando essa sugestão, uma das primeiras intervenções do Estado, no campo da pesquisa científica desenvolvida na área, foi o "Projeto Eco-Zoo-Botânico do Parque das Dunas", executado no período de 22.08.80 a 15.05.83, sob a coordenação da SEPLAN – Secretaria do Planejamento do Estado do Rio Grande do Norte e Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte – IDEC, com a participação e apoio de órgãos com o então Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e o Museu Nacional do Rio de Janeiro. Esse projeto pioneiro no Estado na modalidade surgiu da necessidade de conhecimento do ecossistema das dunas, através de seus elementos constituintes, a partir do suporte pedológico, modelado geomorfológico e suas condições de dinamismo, estendendo-se aos elementos faunísticos, florísticos, ecológicos e representa uma das mais importantes contribuições ao conhecimento científico, principalmente da flora local. Sendo assim, foi desenvolvido um extensivo levantamento florístico no Parque que, além de servir de base ao plano paisagístico de Burle Marx, conduziu a formação de um Herbário local e, paralelamente, permitiu a formulação de diretrizes conservacionistas para o manejo da área. (Figura 2).

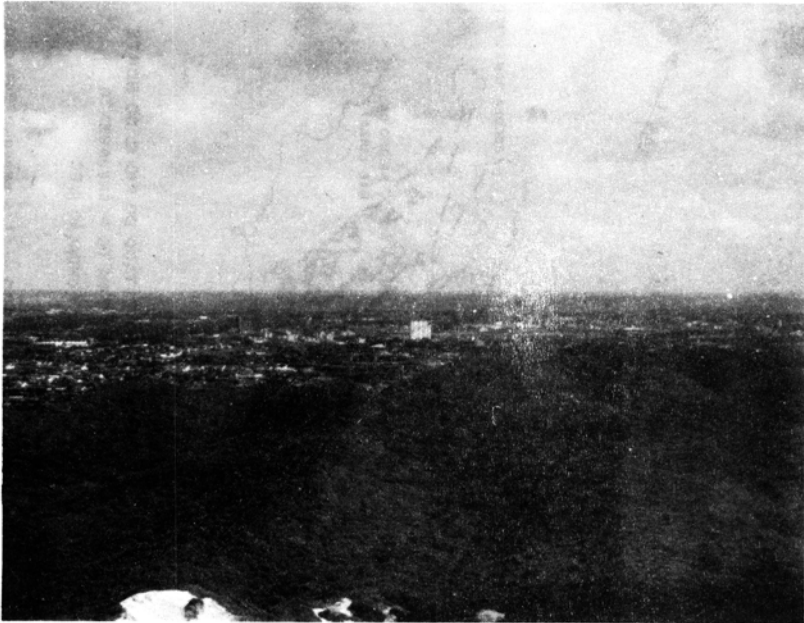


Figura 2 – Vista aérea da Mata Costeira ou Litorânea do Parque Estadual das dunas do Natal. Ao fundo, vê-se a cidade de Natal, protegida pelo tapete arbóreo denso da vegetação nativa.

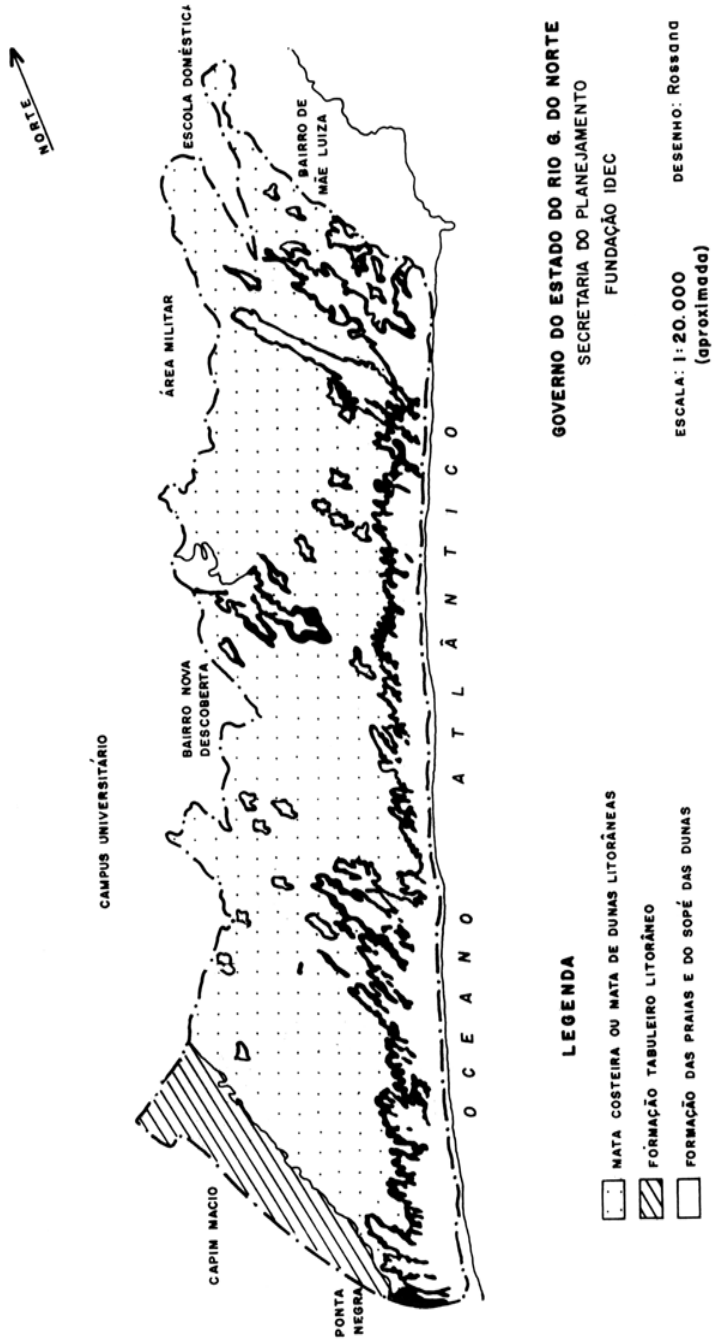


Figura 3 – Mapa de vegetação do Parque Estadual das Dunas do Natal

Metodologia e Resultados

O trabalho mais completo do Projeto Eco-Zoo-Botânico foi o levantamento florístico, executado durante dois anos (1980-1982) cobrindo todos os 1.172,80 hectares e percorridos por setores (Orla Marítima-praia; Interior da Mata; CAMPUS; Capim Macio; Bosque dos Namorados; Baixa da Ubaia; Torres TELERN; Morro Branco; Trevo Ponta Negra; Torre EMBRATEL), de acordo com as seguintes etapas: Inspeção geral da área; observações e mapeamento das unidades de vegetação; coleta e harborização; observações fenológicas; controle e remessa das exsicatas para identificação botânica no Museu Nacional e Jardim Botânico do Rio de Janeiro; montagem das exsicatas e formação do Herbário das Dunas (primeiro no Estado). Foram coletadas 359 plantas, sendo 5 exsicatas de cada (total: 1.795), das quais verificou-se o reconhecimento de 264 espécies distintas, identificadas à nível de gênero e espécie (*), pertencentes a 78 famílias. As Leguminosae estiveram representada por 46 espécies, a família Poaceae por 21 espécies; as Myrtaceae por 15 espécies e Compositae por 12 espécies (Tabelas 1 e 2).

(*)A listagem das espécies do Levantamento Florístico do Parque Estadual das Dunas do Natal é parte integrante do Plano de Manejo da citada Unidade de Conservação.

Tabela 1: Levantamento florístico do Parque Estadual das Dunas do Natal; Relação das famílias = 80; Seplan-IDEDEC-UFRN-Sudene-IBDF-MN (1980-1982)

Família	Nº Espécie	Família	Nº Espécie	Família	Nº Espécie	Família	Nº Espécie
Acanthaceae	2	Combrétaceae	2	Loganiaceae	1	Plumbaginaceae	1
Amaryllidaceae	1	Commelinaceae	1	Loranthaceae	2	Polygalaceae	3
Amaranthaceae	5	Compositae	12	Macgraviaceae	1	Polygonaceae	3
Anacardiaceae	1	Convolvulaceae	6	Malpighiaceae	6	Polypodiaceae	1
Annonaceae	1	Curcubitaceae	2	Malvaceae	4	Portulacaceae	3
Apocynaceae	2	Cyperaceae	3	Marantaceae	1	Rhamnaceae	1
Araceae	2	Dilleniaceae	2	Menispermaceae	1	Rubiaceae	10
Aristolochiaceae	1	Ertocaulaceae	1	Mollugmaceae	1	Sapotaceae	3
Asclepiadaceae	2	Euphorbiaceae	8	Moraceae	8	Sapindaceae	4
Bignoniaceae	3	Flacourtiaceae	2	Myrsinaceae	1	Solanaceae	5
Bombacaceae	1	Goodeniaceae	1	Myrtaceae	15	Scrophulariaceae	1
Boraginaceae	4	Gram. (Poaceae)	21	Nyctaginaceae	1	Simaroubaceae	2
Bromeliaceae	4	Iridaceae	1	Ochnaceae	1	Sterculiaceae	3
Burseraceae	1	Krameriaceae	1	Olacaceae	1	Tiliaceae	1
Byttneriaceae	1	Lecythidaceae	1	Orchidaceae	5	Trigonaceae	1
Cactaceae	4	Leg. Caes.	11	Oxalidaceae	1	Turneraceae	4
Capparidaceae	5	Leg. Mimos.	11	Palmae	1	Ulmaceae	1
Caryophyllaceae	1	Leg. Papil.	24	Passifloraceae	3	Verbenaceae	2
Celastraceae	2	Liliaceae	1	Phytolacaceae	1	Violaceae	1
Chrysobalanaceae	4	Lythraceae	1				

Tabela 2: Relação das Espécies do Levantamento Florístico do Parque Estadual das Dunas do Natal

ACANTHACEAE	<i>Ruellia inundata</i> H.B.K <i>Ruellia</i> sp.	<i>Marteleia maritima</i> ssp. <i>ganglinosa</i> (Vall.) Font.
AMARYLLIDACEAE	<i>Bomara salsilloides</i> Roem.	
AMARANTHACEAE	<i>Atermanthera maritima</i> (Mart.) St. Hil. <i>Atermanthera philoxeroides</i> (Mart.) Griseb. <i>Atermanthera polygonoides</i> (L.) R. Br. <i>Gomphrena demissa</i> Mart. <i>Iresine vermicularis</i> Moq.	
ANACARDIACEAE	<i>Anacardium occidentale</i> L.	
ANNONACEAE	<i>Guatteria oligocarpa</i> Mart.	
APOCYNACEAE	<i>Aspidosperma pyricollum</i> Muell. Arg. <i>Hancornia speciosa</i> Gomes	
ARACEAE	<i>Anthurium affine</i> Schott <i>Philodendron imbe</i> Mart.	
ARISTOLOCHIACEAE	<i>Aristolochia trulliformis</i> Mart.	
ASCLEPIADACEAE	<i>Callatropis procera</i> (Ait.) f.	
BIGNONIACEAE	<i>Arrabidaea agnus-castus</i> DC. <i>Lundia cordata</i> DC.	
BOMBACACEAE	<i>Chorisia speciosa</i> St. Hil.	
BORAGINACEAE	<i>Cordia superba</i> Cham. <i>Heliotropium polyphyllum</i> Lehm. var. <i>blanchetti</i> DC. <i>Tournefortia candidula</i> (Miers.) Johnston. <i>Tournefortia salzmanii</i> DC.	
BROMELIACEAE	<i>Aechmea aquilega</i> Salisb. <i>Aechmea ligulata</i> (L.) Baker <i>Bromelia racemulosa</i> var. <i>parviflora</i> Berg <i>Hohenbergia utriculosa</i> UK	
BURSERACEAE	<i>Protium brasiliense</i> (Baudt) Splitz ex Pulle.	
BYTTNERIACEAE	<i>Waltheria macropoda</i> Tucz.	
CACTACEAE	<i>Cereus jamacaru</i> DC. <i>Cereus</i> sp. <i>Melocactus bahiensis</i> Brit. & Rose <i>Pilosocereus</i> sp.	

- CAPPARIDACEAE
Capparis brasiliensis DC.
Capparis cynophallophora L.
Capparis flexuosa L.
Catraeva tapia L.
Cleome rotundifolia (Mart. & Zucc) Ilitis
- CELASTRACEAE
Maytenus impressa Reiss.
Maytenus rigida Mart.
- CARYOPHYLLACEAE
Polycarpon corymbosa (L.) Lam.
- CHRYSOBALANACEAE
Chrysobalanus icaco L.
Hirtella ciliata Mart. & Zucc.
Hirtella racemosa Lam. var. *hexandra* Willd ex R. & S.
Licania parviflora Huber.
- COMBRETACEAE
Conocarpus erecta L.
Laguncularia racemosa Gaerth.
- COMMELINACEAE
Commelina erecta L.
- COMPOSITAE
Ageratum conyzoides L.
Acanthospermum hispidum DC.
Aspilia martii Baker
Aspilia procumbens Baker
Blainvillea rhomboidea Cass.
Eupatorium bailotaeifolium H.B.K
- Emilia sonchifolia* DC.
Mikania obovata DC.
Porophyllum ellipticum Cassini
Stilpnopappus cearensis Huber
Spilanthes urens Jacq.
Wulfia baccata (L.f.) Ruff
- CONVOLVULACEAE
Aniseia nitens Choisy
Cassya americana Nees
Evobulus sericeus Swartz.
Ipomoea asarifolia (Desv.) Reem & Schult.
Ipomoea stolonifera (Cyr) Gel.
Merremia aegyptia (L.) Urban.
- CURCUBITACEAE
Mormodica charantia L.
Trianosperma tayuya Mart.
- CYPERACEAE
Cyperus maritimus Poir.
Cyperus meyenianus Kunth.
Remirea maritimus Poir.
- DILLENIACEAE
Curatella americana L.
Tetracera breyniana Schl.
- ERIOCAULACEAE
Paepalanthus myocephallus (Mart.) Koer.
- EUPHORBACEAE
Croton klotzschii (Didick) M. Arg.
Croton campestri (St. Hil.) Muell Arz.

- Euphorbia brasiliensis* Lam.
Euphorbia sp.
Jatropha brasiliensis Lam.
Jatropha urens L.
Manihot sp.
Sebastiania corniculata (Vahl) Mull. Arg. var. *glabra* Mull. Arg.
- FLAUCOURTIACEAE**
Casearia sylvestris Sw.
Pockia crucis L.
- GOODENIACEAE**
Scaevola plumieri (L.) Vahl.
- GRAMINEAE (POACEAE)**
Cenchrus echinatus L.
Cynodon dactylon Pers.
Dactyloctenium aegypticum (L.) Richt.
Digitaria adscendens (HBK) Henr.
Digitaria horizontalis Willd
Digitaria longiflora (Retz.) Pers.
Eragrostis ciliaris (L.) Ling.
Gynopogon foliosus (Willd) Nees.
Lolacis ligulata Hitch & Chase.
Lithacne pauciflora (Sw.) Beaw
Panicum asperifolium (Desv.) Hitch.
Panicum hirtum Lam.
Paspalum maritimum Trin.
Panicum maximum Jaeg.
Paspalum scutatum Nees ab. Esenb.
Paspalum vaginatum Swartz
Rhynchosyris repens (Willd) C.E. Hubbard
Setaria scandens Sechrad
- Sporobolus vermicularis* Moq.
Sporobolus virginicus (L.) Kunth
Trachypogon ligularis Nees.
- IRIDACEAE**
Eusylis purpurea (Herb.) E. Garay.
- KRAMERIACEAE**
Krameria sp.
- LECYTHICIDACEAE**
Lecythis sp.
- LEG. CAESALPINOIDEAE**
Cassia apoucoita Aubl.
Caesalpinia echinata Lam.
Cassia flexuosa L.
Cassia ramosa Vog. var. *maritima* Irw.
Cassia splendida Vog. var. *gloriosa* Irw.
Cassia tora L.
Chamaecrista rotundifolia (Pers) Greene
Bauhinia cheilantha (Boug.) Steud.
Hymenaea courbaril L. var. *courbaril*
Hymenaea rubiflora Ducke var. *glabra* Lee & A. Lima
Zollernia ulei Harms.
- LEG. MIMOSOIDEAE**
Calliandra sp.
Inga fagifolia (L.) Benth.
Mimosa misera DC.
Mimosa somnians Humb. & Bonpl.
Piptadenia biuncifera Benth.
Piptadenia moniliformis Benth.
Piptadenia obliqua (Pers.) Macbr.

Piptadenia stipulacea (Benth.) Ducke
Pithecellobium dumosum Benth.
Pithecellobium filamentosum Benth.
Schrankia leptocarpa DC.

LEG. PAPILONOIDEAE

Abrus precatorius L.
Aeschynomene brasiliana (Poir) DC var. *brasiliana*
Apuleia leucocarpa (Vog.) Macbr.
Andira surinamensis (Baudt.) Splitz ex Pulle.
Bauhinia aff. microstachya (Radl.) Macbr.
Boudichia virgilioides HBK
Canavalia brasiliensis Mart. ex Benth.
Canavalia sp.
Centrosema brasilianum (L.) Benth.
Centrosema pascuorum Mart. ex Benth.
Crotalaria laeta Mart.
Crotalaria mucronata
Crotalaria pallida Ait.
Desmodium molle DC.
Desmodium triflorum DC.
Indigofera hirsuta L.
Macropitium gracile (Puepp ex Benth.) Urb.
Macropitium heterophyllum (Willd.) Marechal & Baudet.
Macropitium panduratus Mart.
Pterocarpus rohrii Vahl.
Stylosanthes guyanensis Sw.
Stylosanthes scabra Vog.
Stylosanthes viscosa Sw.
Zornia diphylla Pers.

LYLHIACEAE

Smilax sp.

LYTHRACEAE

Cuphea flava Spreng.

LOGANIACEAE

Strychnos parviflora DC.

LORANTHACEAE

P-sittacanthus dichrous Mart.
Struthanthus marginatus (Desv.) Bl.

MACGRAVIACEAE

Ncranthea sp.

MALHPIGHIACEAE

Banisteriopsis pubipetala (Juss.) Cuartz.
Byrsonima crassifolia (L.) Ruth.
Byrsonima gardneriana Juss.
Byrsonima verbascifolia (L.) Rich.
Stigmaphyllon hirsutum Ndz.
Stigmaphyllon paraliatis Juss.

MALVACEAE

Sida ciliaris L. var. *anomala* (St. Hil.) Schum
Sida linifolia Cav.
Sida potentilloides St. Hil.
Pavonia concellata Cav.

MARANTHACEAE

Maranta nitiflora Regel & Koern.

MENISPERMACEAE

Chondodendron microphyllum (Eich.) Mold.

- MOLLUGINACEAE
Mollugo verticillata L.
- MORACEAE
Brosimum guianensis (Aubl.) Hub.
Cecropia sp.
Clorophora tinctoria (L.) Gaud.
Ficus catappafolia L.
Ficus nymphaeifolia Miq.
Ficus paraensis (Miq.) Miq.
Ficus pertusa L. f.
Schoepfia cupulata (Fr. All.) Glaziou
- MYRSINACEAE
Rapanea umbellata (Mart.) Mez
- MYRTACEAE
Campomanesia dichotoma (Berg.) Mattos
Eugenia aff. *uniflora* L.
Eugenia copacabanense Kiersk
Eugenia hirta Berg
Eugenia nhanica Camb.
Eugenia ovalifolia Camb.
Eugenia speciosa Camb.
Hexachlamys itatiaiae Mattos
Myrcia luniana Kiersk.
Myrcia multiflora (Lam.) DC.
Myrciaria tenella DC.
Neomitranthes langsdorffii (Berg) Legrand
Psidium myrsinoides Berg
Psidium oligospermum Mart.
- NYCTAGINACEAE
Guapira pernambucensis (Casar.) Lundell.
- OCHNACEAE
Ouratea cuspidata (St. Hil.) Engl.
- OLACACEAE
Ximelia americana L. var. *americana*
- ORCHIDACEAE
Cattleya granulosa Lindl.
Cyrtopodium aliciares Liden & Reichb. f.
Epidendrum cinnabarium Salzm.
Eulophidium maculatum Pfitz.
Polystachia concreta (Jacq.) Garay & Sweet.
- OXALIDACEAE
Oxalis sepium St. Hil
- PALMAE
Syagrus coronata Mart.
- PASSIFLORACEAE
Passiflora cincinnata Mart.
Passiflora foetida L. var. *gossypifolia* (Desv.) Mart.
Passiflora subrotunda Mart.
- PHYTOLACACEAE
Microtea paniculata Moq.
- PLUMBAGINACEAE
Pumbago scandens L.
- POLYGALACEAE
Bredemeyera laurifolia Klotz. var. *parvifolia* Bennet.
Polygala variabilis HBK
Polygala sp.

POLYGONACEAE

- Coccoloba alnifolia* Casar.
Coccoloba brasiliensis Nees & Mart.
Coccoloba laevis Casar.

POLYPODIACEAE

- Polypodium martonianum* De La Sota

PORTULACACEAE

- Philoxerens portulacoides* St. Hil.
Portulaca oleracea L.
Sesuvium portulacastrum L.

RHAMNACEAE

- Zizyphus joazeiro* Mart.

RUBIACEAE

- Aniseia pickelii* Pilger & Schmale
Borreria densiflora DC.
Chiococca alba (L.) Hitch.
Diodia aff. arenosa DC.
Diodia hyssopifolia Cham. & Schl.
Guettarda angelica Mart.
Mitracarpus eichleri Schum.
Psychotria sp.
Richardia grandiflora (Cham. & Schl.) Steud.
Tecoyena brasiliensis Mart.

SAPOTACEAE

- Lucuma* sp.
Manilkara triflora (Fr. Allemão) Monochino
Manilkara aff. amazonica Hub.

SAPINDACEAE

- Allophylus puberulus* (Camb.) Radlk.
Cupanea sp.
Serjania corrugata Radlk
Talisia esculenta (St. Hil.) Radlk

SOLANACEAE

- Brunfelsia uniflora* (Pohl) D. Don
Cestrum fasciculiflorum Taub.
Solanum nigrum L.
Solanum paniculatum L.
Solanum sp.

SCROPHULARIACEAE

- Angelina campestris* N. & Mart.

SIMAROUBACEAE

- Simaba ferruginea* St. Hil.
Simaba trichiloides St. Hil.

STERCULIACEAE

- Guazuma ulmifolia* Lam.
Helicteris heptandra L. B. Smith.
Byttneriaceae L.

TILIACEAE

- Luhea ochrophylla* Mart.

TRIGONIAECEAE

- Trigonia nivea* Camb. var. *fasciculata* (Griseb.) Lheras

TURNERACEAE

- Piriqueta viscosa* Gris.
Piriqueta sp.

Turnera diffusa Willd.
Turnera ulmifolia L.

ULMACEAE

Trema micrantha (L.) Blume

VERBENACEAE

Marsypianthes hyspoides Mart. var. *arenosa* Schit.
Vitex polygama Cham.

VIOLACEAE

Hybanthus poaya Taub.

Inicialmente foi montada uma equipe composta por técnicos da SEPLAN – Secretaria do Planejamento do Estado do Rio Grande do Norte/Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte - IDEC; Professores e estagiários da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN e mateiros da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – SUDENE e Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal – IBDF, sob a orientação do consultor especializado em Botânica e Ecologia – professor Luiz Emigdio de Mello Filho, do Museu Nacional do Rio de Janeiro. No final da pesquisa a equipe se restringiu ao grupo técnico da Seplan – Secretaria do Planejamento do Estado do Rio Grande do Norte / IDEC – Fundação Instituto de Desenvolvimento do Rio Grande do Norte e o consultor, sendo que a montagem das exsicatas, a etiquetagem, a organização da listagem das espécies e contatos com outras coleções para troca de material foram efetuados pela autora deste artigo, integrante da equipe desde o início dos trabalhos.

Considerando a fisionomia da vegetação, bem como os fatores climáticos e edáficos que respondem pela ocorrência e persistência dessa vegetação, pode-se apresentar a área do Parque como recoberta em sua maior parte por um tipo de formação, em que há predominância de elementos peculiares à vegetação da Mata Atlântica, da Caatinga e da Formação de Tabuleiro Litorâneo. A presença de algumas espécies testemunha a penetração de elementos do estoque hileiano na área.

As formações vegetais ocorrentes na área do Parque Estadual das Dunas do Natal são apresentadas na Figura 3.

- Mata Costeira ou Mata de Dunas Litorâneas – A esta formação corresponde uma maior área no “Parque Estadual das Dunas do Natal”. É uma floresta perenifolia e sempre verde, onde o elemento dominante são as árvores distribuídas em um ou dois estratos, dos quais o superior atinge uma altura de cerca de 20 metros.

É nessa comunidade que ocorre a maior concentração de espécies arbóreas. Nela existem ainda, exemplares de pau-brasil (*Caesalpinia echinata* Lam.) de que se encontra no subosque grande quantidade de indivíduos de pequeno porte.

As árvores dominantes pertencem em maior número às seguintes espécies:

Ficus catappaefolia L.; *Ficus nymphaeifolia* L., gameleira; *Manilkara aff. amazonica* Hub. maçaranduba; *Campomanesia dichotoma* Berg, guarabira-de-pau; *Clusia nemorosa* L., pororoca; *Chlorophora tinctoria* (L.) Gaud, tatajuba; *Bowdichia virgilioides* HBK, sucupira; *Guazuma ulmifolia* Lam. mutamba; *Hymenaea courbaril* L. jatobá, de que existem duas variedades e a *Apuleia leiocarpa* (Vog.) Macbr., Jitaf.

O estrato subjacente é composto por árvores de menor porte como o cajueiro *Anacardium occidentale* L., a maria-preta, *Vitex polygama* Cham., o grão-de-galo, *Cordia superba* Cham., a cajarana *Simaba trichilioides* St. Hil.,

o pau-ferro, *Cassia apoucoita* Aubl., a amescla-de-cheiro, *Protium brasiliense* (Spreng.) Engl., a ubaia-doce, *Eugenia speciosa* Camb., o coração-de-negro *Zollernia ulei* Harms., o mororó, *Bauhinia cheilantha* (Boug) Steud., o juazeiro, *Zizyphus joazeiro* Mart., o ramo-de-carne, *Casearia sylvestris* Sw., e uma série de mirtáceas.

O estrato herbáceo é pouco desenvolvido e nele ocorrem *Anthurium affine* Schot.; *Philodendron imbe* Mart.; bromeliáceas, *Hohenbergia utriculosa* Ule.; *Aechmea aquilega* (Salisb.) Griseb. e *Aechmea ligulata* (L.) Baker, além de gramíneas de sombra, alguns arbustos, sub-arbustos, e muitas plântulas das árvores presentes.

Nessa mata, existem trechos onde, por influência de uma elevada umidade atmosférica e edáfica, os troncos e ramos são povoados por epífitas (orquídeas, bromélias, líquens). De palmeiras, é encontrada uma só espécie, a catolé, *Syagrus coronata* Mart.

Muitas trepadeiras crescem aqui, sobretudo nas orlas da mata com condições de melhor iluminação. Uma são herbáceas, como o camará-da-praia, *Wulffia baccata* (L.f.) Kunth; os maracujás, *Passiflora cincinnata* Mart. e *Passiflora subrotunda* Mart.; a jitirana *Merremia aegyptia* (L.) Urban., e outras lenhosas, como o mucunã *Mucuna* sp.; o cipó-d'algo-vermelho, *Lundia cordata* DC.; a unha-de-largatixa *Arrabidaea agnus-castus* DC.; a trepadeira-de-pendão, *Norantea* sp., e outras.

As epífitas estão representadas pelas aráceas dos gêneros *Philodendron* e *Anthurium*, pelas orquídeas dos gêneros *Cattleya*, *Oncidium*, *Pleurothallis*, *Epidendrum*, e *Polystachia* e por uma espécie de samambaia *Polypodium marstonianum* de La Sota, a erva silvina. Interessante é o caso dos *Ficus* (gameleiras ou mata-paus), que iniciam seu ciclo como epífitas sobre os ramos das copas de outras árvores, depois emitem longas raízes que ao atingir o solo se fixam, engrossam, e terminam por envolver o suporte, chegando mesmo a destruí-lo.

Cabe salientar que nesse setor da mata de dunas litorâneas se encontram algumas espécies da caatinga, entre elas cactáceas, como a coroa-de-frade [*Melocactus bahiensis* (Brit. & Rose) Luetzelb.]; o cardeiro (*Cereus jamacaru* DC.), e o facheiro ao lado do joazeiro (*Zizyphus joazeiro* Mart.), da maniçoba (*Manihot* sp.) e outras. (Braga, 1976).

Formação das Praias e do Sopé das Dunas – A área se eleva gradativamente a partir da linha da praia, acompanhando o desenvolvimento do modelado do terreno e abrange áreas sedimentares. É formada por vegetação herbácea, geralmente rasteira, com riqueza de espécies potencialmente fixadoras das areias. Essa vegetação, que ocupa uma faixa mais ou menos larga, nos níveis inferiores vai sendo substituída gradativamente por uma vegetação mais alta com arbustos e arvoretas, como *Chrysobalanus icaco* L., *Eugenia ovalifolia* Camb., *Maytenus impressa* Reiss. e outras. Com as plantas já mencionadas,

misturam-se algumas cactáceas como o facheiro e o cardeiro. Nessa faixa, a vegetação de dunas apresenta componentes herbáceos e arbustivos, predominando os primeiros em direção ao mar, e os outros à medida que se caminha terra adentro.

As dunas apresentam-se móveis e sem cobertura vegetal, fixadas ou em processo de fixação quando recobertas total ou parcialmente por vegetação ora herbácea, escassa e rasteira, confundindo-se com a formação das praias, ora mais densa e arbustiva, ora ainda arbórea, testemunhando estágios mais avançados da sucessão vegetal.

No decorrer do levantamento florístico foram realizadas observações sobre as espécies coletadas, tendo sido avaliado o seu potencial quanto a capacidade de fixação de substratos arenosos. As espécies identificadas como potencialmente fixadoras, por seu modo de crescimento e comportamento autoecológico, são encontrados em maioria no extrato herbáceo, na forma de indivíduos isolados, em comunidade homogênea ou em comunidades mistas, associadas a outras espécies também fixadoras. Dado o seu caráter pioneiro, essas espécies apresentam particularidades que contribuem para a sua resistência a fatores adversos por ventura atuantes em determinados locais e determinadas estações, e que lhes asseguram facilidades de adaptação e rapidez nos processos de crescimento e do desenvolvimento, consideradas como exigências para a sua manutenção nos sítios por elas ocupadas (Freire, 1983).

A ação do vento imprime um modelado particular às copas desses vegetais. Uma característica interessante por exemplo, é o formato que assume a copa de certas espécies, como o *Ficus catappaefolia* L., que parece “penteada”, com o crescimento dos seus galhos a favor dos ventos. Outras vezes, as massas arbustivas, sobretudo quando de folhas rijas e pequenas, se apresentam como se formadas por processos de topiária (anemomorfofos). Aqui as espécies arbóreas não chegam a atingir o seu porte máximo.

● Formação de Tabuleiro Litorâneo – Está localizado principalmente nas proximidades da encosta oeste das dunas. O aspecto característico, correspondente a esta formação na área do Parque, é o de ilhas de vegetação, mais abertas, com árvores e arbustos tortuosos, de casca grossa, folhas geralmente grandes, coriáceas e ásperas. Floristicamente, a formação do tabuleiro muito se aproxima do Cerrado, existindo um grande número de espécies comuns às duas formações.

Estruturalmente, a vegetação se compõe de dois estratos, um arbóreo arbustivo e outro herbáceo. No estrato herbáceo há uma predominância de gramíneas, como por exemplo a milhã-de-tabuleiro (*Panicum asperifolium* (Desv.) Hitch; o capim-barba-de-bode (*Aristida* sp.); erva medicinal (*Stylosanthes scabra* Vog.) e arbustos como carrapicho-do-tabuleiro (*Krameria tomentosa* St. Hil.). No estrato arbóreo, como espécies freqüentes e dominantes, a mangabeira (*Hancornia speciosa* Gomes), a lixeira (*Curatella americana* L.),

o murici-pitanga (*Byrsonima verbascifolia* L.). o anjelim amoroso (*Andira surinamensis* (Baudt.) Spltz *ex* Pulle, o cajueiro, o jatobá, o camboim e outras. Com muita frequência encontramos aqui espécies hemiparasitas ou parasitas, tais como a erva-de-passarinho e o cipó-de-chumbo (*Cuscuta* sp.).

Referências bibliográficas

- BRAGA, 1976. *Plantas do nordeste especialmente do Ceará*. Mossoró. Escola Superior de Agricultura.
- FREIRE, S.B. 1983. Experiência de revegetação nas dunas costeiras de Natal. Natal. Brasil Florestal. 53.
- RIO GRANDE DO NORTE. 1985. Secretaria do Planejamento. Coordenadoria do Meio Ambiente. *Diagnóstico Preliminar das Condições Ambientais da Grande Natal*. Natal.
- . 1989. Secretaria do Planejamento. *Plano de Manejo do Parque Estadual do Rio Grande do Norte*. Natal.
- SALAMUNI, R. 1978. Parque das Dunas. Relatório técnico sobre a geologia e geomorfologia do projeto Via Costeira. Natal.